

Instalações Educativas Ensinam!

As instalações educacionais – campi, prédios e principalmente salas de aula – podem enriquecer (ou inibir) o ensino e o aprendizado. A “relação entre o aprendizado e o projeto do espaço educacional dentro das escolas” está bem documentada em literatura profissional recente.¹ Isso, no entanto, tem sido malcompreendido no decurso da História. Os antigos gregos viam uma escola como qualquer lugar onde um professor e seus alunos se reunissem, com frequência ao ar livre. O professor, como depositário do conhecimento, era fundamental para o aprendizado, ao passo que o ambiente físico era considerado sem qualquer importância.²

Pode muito bem ter sido o clima severo que forçou os primitivos educadores europeus e americanos a construir “casas” para suas escolas. Começando com o período Colonial e daí para a frente através da maior parte do século 19, uma casa escolar era vista como uma necessidade para proteger das intempéries as pessoas envolvidas. A atmosfera interior, entretanto, recebia pouca atenção, geralmente sendo pouco melhor do que um curral. As escolas maiores do fim do século 19 podem ser melhor caracterizadas como um agregado de escolas menores – contendo

A “relação entre o aprendizado e o projeto do espaço educacional dentro das escolas” está bem documentada em literatura profissional recente.

muitas salas, todas praticamente iguais. Na realidade, a idéia de que as instalações escolares poderiam ser ferramentas nas mãos dos professores não existia até bem pouco tempo atrás. Foi esse conceito que gerou a revolução do projeto e construção de escolas no século 20. No final do século, um considerável número de pesquisas apoiou a idéia de que melhores instalações escolares dariam melhor resultado.

Uma Nova Idéia

Atualmente, encontramos um conceito mais novo ainda surgindo – a idéia de que as instalações desempenham um papel no aprendizado que é independente do professor. As instalações são, portanto, vistas não só como ferramentas

de ensino que podem ser utilizadas por professores criativos, mas também como professores em si. Em outras palavras, seja para bem ou para mal, as instalações educacionais na verdade ensinam!

Embora esta seja uma idéia revolucionária na literatura profissional contemporânea, ela realmente não é nova. Na Bíblia, Deus disse a Moisés: “E Me farão um santuário, para que Eu possa habitar no meio deles.” Êxodo 25:8, ARA. Um estudo cuidadoso sobre aquela casa de adoração revela que ela foi planejada como uma instalação de ensino.

O fato de ver o tabernáculo cada dia fazia com que os israelitas se lembrassem da permanente presença e proteção de Deus. Mais tarde, o templo de Salomão também ensinou lições importantes. O silêncio mantido no local do estabelecimento durante sua construção reforçava o princípio da reverência ao Senhor. Na verdade, todos os aspectos do planejamento dos santuários no Antigo Testamento – desde o processo de construção até os serviços finalmente realizados no tabernáculo do deserto, no templo de Salomão e no templo reconstruído mais tarde – foram designados a ensinar sobre Deus. “O Teu caminho, ó Deus, é

David R. Streifling

de santidade [em inglês ‘está no santuário’] (Salmo 77:13).

No livro *Educação*, Ellen White identifica inúmeras lições que eles deviam aprender: “Aquela revelação no Sinai apenas poderia impressioná-los com sua necessidade e incapacidade. O tabernáculo, com os seus serviços de sacrifícios, deveria ensinar outra lição – a lição do perdão do pecado e do poder de obediência para a vida, mediante o Salvador.

“Por meio de Cristo deveria cumprir-se o propósito de que era um símbolo o tabernáculo – aquela construção gloriosa, com suas paredes de ouro luzente refletindo em matizes do arco-íris as cortinas bordadas de querubins; a fragrância do incenso, sempre a queimar, a invadir tudo; os sacerdotes vestidos de branco imaculado, e no profundo mistério do compartimento interior, acima do propiciatório, entre as figuras de anjos prostrados em adoração, a glória do Santíssimo. Em tudo Deus desejava que Seu povo lesse o Seu propósito para com a alma humana.”³

Ellen White também escreveu a respeito do poder de ensino das instalações escolares em um contexto mais moderno. Escrevendo da Austrália na década de 1890, ela fez a seguinte observação criteriosa: “Na construção dos edifícios escolares, em seu mobiliário, bem como em todo aspecto de sua administração, cumpre exercer-se a mais estrita economia. ... Devem [edifícios, mobílias e administração]... ensinar em todos os aspectos lições corretas de simplicidade, utilidade e economia.”⁴

Os pesquisadores seculares não descobriram essa idéia senão um século mais tarde. Em seu artigo “Architecture Can Teach” (A Arquitetura Pode Ensinar), publicado em 1988, Taylor, Aldrich e Vlastos combinaram o conceito de as instalações na verdade ensinarem com a idéia de que elas podem ser utilizadas pelos professores como ferramentas de ensino.

“Dois de nós (Taylor e Vlastos) ... estamos convencidos de que o ambiente escolar tem um potencial, em grande parte não explorado, como contribuinte ativo no processo de aprendizado. ... Inúmeras oportunidades de aprendizado podem ser entretidas na estrutura de uma escola de modo que o ambiente construído se torne um livro pedagógico ativo e tridimensional ou uma ferramen-

A construção de um jardim de oração no campus demonstra que damos valor ao tempo gasto em comunhão com Deus. Nesta foto, o jardim de oração e portão do Instituto Adventista Internacional de Estudos Superiores, em Silang, Cavite, Filipinas.

ta de ensino, em vez de um espaço passivo que armazena uma confusão de ‘coisas’. ... O ambiente arquitetônico, como uma obra de arte em si e por si só, pode afetar o comportamento. Ele pode estimular ou subjugar, auxiliar a criatividade ou retardar a percepção mental, causar temor ou alegria. De fato, ele pode influenciar uma vasta extensão de fenômenos psicológicos.”⁵

A mais recente contribuição sobre esse tópico apareceu em forma de livro em 2001. Em sua monografia, *Education by Design*, os autores Strange e Banning descrevem como as instalações ensinam através de coisas sutis como a localização física das instalações de serviços aos estudantes, o que indica a importância que a instituição dá a seus alunos, ou a ambigüidade dos sinais direcionais, que podem fazer com que alunos recém-chegados ou outros visitantes se sintam sem importância e mal recebidos.⁶

O Que Nossas Instalações Estão Realmente Ensinando?

Para os educadores adventistas do sétimo dia, a pergunta logicamente se segue: “Sendo que nossas instalações educacionais ensinam, que mensagens elas estão transmitindo aos nossos alunos, apoiadores e comunidades onde se localizam?” A lista que segue, criada e compilada depois de considerável reflexão e estudo, bem como as opiniões solicitadas a educadores tanto norte-americanos como asiáticos, sugere

algumas respostas:

A propósito, o desenvolvimento deste tópico até a presente data tem se focalizado nas ligações entre propósito e funcionamento das instalações e princípios cristãos; embora conforme Strange e Banning habilmente demonstraram,⁷ vínculos semelhantes existam entre o propósito das instalações e os princípios filosóficos gerais (que educadores cristãos defendem do mesmo modo que outros educadores). Na lista a seguir, comentários de Ellen White foram acrescentados onde eles parecem se harmonizar com ou apoiar o conceito identificado. Nenhuma tentativa foi feita para dar prioridade a qualquer dos vários itens:

1. *O fato de localizar a escola em um ambiente natural – entre árvores ou perto do mar, de um lago ou cachoeira – reforça nossa crença em um Deus Criador.* No entanto, mesmo escolas em ambientes desenvolvidos pelo homem podem utilizar flores, grama, árvores e outros recursos de paisagismo para criar beleza natural.

Ellen White comenta: “Devem ser estabelecidas escolas onde a natureza ofereça a maior quantidade possível de atrativos que deleitem os sentidos e dêem variedade ao panorama. ... Coloquem-se os nossos estudantes onde a natureza fale aos sentidos e em sua voz possam ouvir a voz de Deus. Estejam onde possam olhar para Suas obras maravilhosas e contemplar o Criador através da natureza.”⁸

2. *Se os prédios escolares são construídos de maneira a harmonizar-se com a natureza, para que “pertencam ao próprio ambiente”, isso encoraja os alunos e professores a organizarem suas prioridades em harmonia com os propósitos divinos para sua vida.*

3. *Instalações escolares que são construídas de modo econômico (não se deve confundir com “barato”), e que preservam energia, ensinam os princípios de mordomia – confiabilidade na administração de recursos capitais e responsabilidade no cuidado e conservação daquilo que Deus criou (o ambiente).*

Ellen White comentou: “Os que estão em posições de confiança devem em todas as coisas agir como fiéis mordomos. ... Deve haver o máximo cuidado para evitar gastos desnecessários. Ao construir edifícios e prover instalações para a obra, devemos cuidar para não fazer planos tão elaborados que consumam dinheiro desnecessário, impossibilitando os recursos para a expansão da obra em outros campos, principalmente em terras estrangeiras.”⁹

4. *O fato de localizar uma igreja ou casa de adoração em um lugar proeminente no campus ensina que damos a Deus o primeiro lugar em nossos planos e na verdade em tudo que fazemos. O projeto e o material da capela devem ser da mais alta qualidade. Deve ser culturalmente apropriado para seu ambiente, mas se destacar arquitetonicamente como o mais fino e melhor prédio no campus. O acesso a bosques retirados e/ou construção de um jardim de oração no campus*

Se os prédios escolares são construídos de maneira a harmonizar-se com a natureza, isso encoraja alunos e professores a organizarem suas prioridades em harmonia com os propósitos divinos para sua vida. Na foto acima, o átrio do Instituto Adventista Internacional de Estudos Superiores nas Filipinas.

demonstram que damos valor ao tempo gasto em comunhão com Deus. (Essa idéia também pode ser “pregada” através da maneira como se programam as aulas e demais atividades.)

5. *Uma gravura emoldurada de Jesus Cristo colocada estrategicamente nas salas de aula ou outro lugar no campus lembra aos alunos e professores que Deus está sempre cuidando, e que Ele deve ocupar o primeiro lugar em nossa vida. Uma obra de arte religiosa no campus dá um toque de distinção que*

indica aos visitantes, funcionários e alunos quem somos e que valores defendemos.

6. *Obras de arte criativas e esteticamente agradáveis no campus ou nos prédios escolares ensinam que Deus é criativo e amante do belo – e promovem esses traços diretamente entre os alunos.*

7. *Ao adaptar os princípios básicos do desenho arquitetônico – proporção, equilíbrio, harmonia, graduação e simplicidade – encorajaremos o desenvolvimento de prioridades válidas e temperança cristã. Janelas adequadas e bem planejadas são justas representações de Deus como fonte de luz e verdade. O fato de prover luz, ar fresco e contato visual com o exterior (defrontando-se com cenas da natureza e beleza natural tanto quanto possível), promove higiene pessoal e do ambiente, bem como saúde física e psicológica.*

Ellen White comentou: “No estudo da higiene o professor ardoroso aproveitará todas as oportunidades para mostrar a necessidade de perfeito asseio... no ambiente. ... Deve-se também conceder atenção à luz solar e à ventilação.”¹⁰

8. *Áreas de armazenagem adequadas e bem organizadas exemplificam o princípio filosófico de que Deus é um Deus de ordem. Por outro lado, a confusão resultante de falta de espaço adequado para armazenagem transmite o conceito oposto.*

9. *Sinais adequadamente localizados*



Uma obra de arte religiosa no campus dá um toque de distinção que indica aos visitantes, funcionários e alunos quem somos e que valores defendemos. Na foto acima, “A Glória da Graça de Deus” por Alan Collins ocupa lugar importante no campus da Universidade La Sierra, em Riverside, Califórnia, EUA.

no campus e nos prédios comunicam nosso respeito pelas necessidades de movimentação de alunos, professores e visitantes. Rodovias das proximidades devem também ser bem assinaladas para indicar como chegar ao campus. Outros sinais podem incluir sinais de pontos históricos, nomes de árvores e plantas; sinais “Adote uma rodovia” que indicam que nossos alunos e professores fizeram um compromisso de conservar limpas as rodovias adjacentes; sinais que informam acerca de doadores de obras de arte, janelas decoradas e bancos; e sinais contendo informação precisa a respeito do horário de expediente dos escritórios e do refeitório. Monitorar os tipos de programas e serviços dos quais se faz propaganda nos quadros-murais e remover informações desatualizadas também indicam compromisso de manter o campus atraente e útil, o que comunica nossos valores.

10. *Construção e uso de ginásio com a exclusão de trabalho manual ou outros exercícios ao ar livre* rebaixa a importância de exercícios ao ar livre bem como de trabalho manual e envolve implicações significativas no que se refere ao uso proveitoso do tempo livre.

11. *Áreas de serviço (tais como cozinhas e banheiros) bem conservadas e adequadamente limpas reforçam a crença adventista de que nosso corpo é templo de Deus.*

Vários comentários de Ellen White apóiam este ponto: “A cozinha e todas as demais partes do edifício [escolar] devem ser conservadas atrativas e

limpas.”¹¹

“A necessidade de muito melhores instalações nos banheiros [tem causado forte impressão sobre minha mente]. ... Um banheiro pequeno e abarrotado deixa na mente a impressão de barateza e vulgaridade, e isso não deve acontecer.”¹²

“No estudo da higiene... mostrar a necessidade de perfeito asseio tanto nos hábitos pessoais como no ambiente. ... Ensinaí aos alunos que um quarto de dormir saudável, uma cozinha perfeitamente limpa, uma mesa arranjada com gosto e suprida de alimentos saudáveis, farão mais no sentido de conseguir a felicidade da família e a consideração de todo visitante sensato, do que o faria qualquer porção de mobília dispendiosa na sala de visitas.”¹³

Conclusão

Nossas dependências educacionais, tanto prédios como campus, são expressão visível de nossa verdadeira filosofia educacional – não o que alegamos crer (nossa “suposta filosofia”) mas a maneira como realmente colocamos nossa filosofia em prática. Muitas vezes nossas dependências educacionais na realidade negam nossa crença. O projeto e arranjo dos prédios e do campus, bem como a maneira pela qual funcionam e são mantidos, podem proclamar mensagens indesejáveis em tão alto tom que nossos professores têm pouca esperança de algum dia comunicar o que realmente desejam ensinar. Precisamos descobrir maneiras de projetar e manter as dependências de modo que ensinem, reforcem e complementem as elevadas metas da declaração de missão de nossas escolas.

Este artigo é apenas um começo. Mais pesquisa precisa ser feita nesta área. Precisamos identificar e documentar outros elos que possam existir, e avaliar melhor o significado educacional dos elos acima mencionados. Este é um assunto urgente, pois a

menos que mudemos nossos métodos, poderemos muito bem continuar a criar problemas para nós mesmos por projetar instalações que ensinam lições realmente opostas.

Não podemos ser cuidadosos demais ao considerar a influência educacional de nossas instalações sobre os alunos, professores, pessoal e a comunidade. Lembrem-se, as instalações e dependências também ensinam!

David R. Streifling, Ph.D., foi até recentemente professor associado de Administração Educacional no Departamento de Estudos Educacionais do Instituto Adventista Internacional de Estudos Superiores em Silang, Cavite, Filipinas. Ele recebeu recentemente um Certificado em Projeto e Planejamento de Instalações Educacionais da Universidade da Georgia. Para maiores informações, visitar nosso Website: <http://www.schoolsdesign.net>.



NOTAS E REFERÊNCIAS

1. B. Castaldi, *Educational Facilities: Planning, Modernization, and Management* (Singapore: Allyn and Bacon, 1994), pág. 17.
2. E. Wilds e K. Lottich, *The Foundations of Modern Education* (New York: Holt, Rinehart, and Winston, 1961).
3. Ellen G. White, *Educação*, pág. 36.
4. _____, *Testemunhos Para a Igreja*, vol. 6, pág. 208 (em preparo para publicação).
5. Anne Taylor, Robert A. Aldrich, e George Vlastos, “Architecture Can Teach”, *In Context: A Quarterly of Humane Sustainable Culture* (Inverno de 1988). Extraído em 13 de maio de 2003, de <http://www.context.org/ICLIB/IC18/Taylor.htm>.
6. Carney C. Strange e J. H. Banning, *Educating by Design* (San Francisco: Jossey-Bass, 2001), págs. 9-32.
7. *Ibidem*.
8. Ellen G. White, *Fundamentos da Educação Cristã*, pág. 320.
9. _____, *Testemunhos Para a Igreja*, vol. 7, pág. 215 (em preparo para publicação).
10. _____, *Educação*, pág. 200.
11. _____, *O Lar Adventista*, págs. 88 e 89.
12. _____, “The Paulson Collection of Ellen G. White Letters”. Extraído do Diário de 25 de abril de 1899. Arquivo 68 (1899), pág. 15. Observe que no contexto desta declaração, o banheiro era realmente um cômodo para banho, não especificamente um sanitário. Contudo, o princípio não obstante se aplica ao último. Ver também Ellen G. White, *Orientação da Criança*, pág. 365.
13. Ellen G. White, *O Lar Adventista*, pág. 90.

Monumentos distintos no campus podem testemunhar acerca dos valores que a escola defende. Na foto acima, o “Portão Para o Serviço” no Columbia Union College, em Takoma Park, Maryland, EUA.